

Bibliographia

CATALOGO DO IMPORTANTE ESPOLIO DO ARCHITECTO JOSÉ MARIA NEPOMUCENO. Lisboa 1897, 15 paginas.

Contém noticia de quadros, desenhos, gravuras, retratos, vistas, esculpturas, imagens, paramentos, azulejos e mobiliario.

ELOGIO HISTORICO DO ARCHITECTO [e archeologo] JOAQUIM POSIDONIO NARCISO DA SILVA, por Julio de Castilho, Lisboa 1897, 41 paginas (com o retrato, colorido, do fallecido).

A CONCLUSÃO DO EDIFICIO DOS JERONYMOS, parecer da Commissão dos monumentos nacionaes: relator, Ramalho Ortigão. Lisboa 1897, 34 paginas.

COLLECÇÃO NUMISMATICA (medalhas e condecorações portuguezas e estrangeiras referentes a Portugal) de Alexandre José dos Santos Leitão, Porto 1897, 143 paginas.

J. L. DE V.

Notícias de Lamalonga

Vestigios archeologicos e tradições das pedras

A quem em Lamalonga, concelho de Macedo de Cavalleiros, perguntar por vestigios de antigas ruinas fallam-lhe logo no *lagar dos mouros* e na *Fraga dos sete zorros*, que se encontram na descida da elevação que se ergue logo a Sul da povoação, separada por duas ravinas da margem direita da Ribeira de Nuzellos, que corre em direcção E.-O., e que vae ter confluencia como o rio Tuella, abaixo da Torre de D. Chama. Apresenta esta elevação varios taboleiros, e destacam-se na sua cumiada os pontos do Facho, Azeveda e Cercado, aonde se encontram muitos bancos de granito e muitas *mós* ou fragas isoladas da mesma especie, pois os terrenos por aquelles sitios são de natureza granitica.

A 1 kilometro do povo, seguindo o caminho que vae pela vertente O. em direcção á Ribeira, encontra-se junto d'elle, e do lado de baixo, uma d'essas *mós* ou fragas, com a fórma que indica o desenho (fig. 1), e que tem cousa de tres metros de altura. A pedra arredondada que assenta nella tem, inferiormente, uma cavidade que parece feita á mão.

Chamam-lhe a *Fraga dos sete zorros*, porque contam que foram outros tantos zorros (filhos bastardos) que andaram a ver se a tombavam, o que não conseguiram. E ainda agora, ás vezes, altas horas da noite, dizem, se ouve lá o bater do tear de uma moura encantada.

Continuando pelo mesmo caminho, e a 2 kilometros proximamente d'esta fraga, encontra-se outra, que está meia enterrada na vertente, ficando a parte superior de nivel com o terreno, e na qual se vê, bem distincta, uma pia que regula por 2^m,5 de lado e 0^m,25 de profundidade. Tem numa das faces um orificio que vae dar a um pequeno sulco voltado para a descida; e proximo de um dos bordos lateraes existem dois buracos do formato de um pé, mas de maiores dimensões. No bordo superior notam-se ainda uns riscos que formam uns pequenos 'rectangulos como se vê do desenho (fig. 2). Tal é o *Lagar dos mouros* que fica muito proximo, e abaixo do alto do Cercado, aonde nos pareceu ver ainda restos de um *castro* que lá devia ter havido.

Acompanharemos estas informações com a noticia de mais uns buracos que nos pareceram feitos á mão, e que encontramos noutras fragas no sítio da Azeveda, intermedio do Facho e Cercado, e cuja disposição e configuração mostra o desenho.

Na fraga B (fig. 3) em *h*, apresenta a disposição indicada em C, e interiormente em C' (fig. 4). No mesmo sítio, e para sul, alguns metros, vê-se outra fraga com um buraco, que parece tambem feito á mão, como indica a fraga P (fig. 4).

Um pouco a baixo d'estas fragas ha uma *pala* em que podem caber meia duzia de pessoas, e onde se costumam resguardar das chuvas os pastores e trabalhadores. Nella, num recanto escuro, pude tambem descobrir dois buracos identicos aos outros.

O guia, que era um rapaz de uns 14 annos, disse-me que por muitas vezes tinha trabalhado naquelle sítio, e que seus paes lhe diziam que por ali haviam andado os mouros; e que iguaes buracos se encontravam noutros lugares do termo, chamados do Cabeço da Molher e da Pombeira.

Não tive ensejo, por falta de tempo, de fazer por estes sítios uma investigação minuciosa, como tanto desejava; mas ainda assim quere-me parecer que os indicios que menciono são obra do homem em epocha muita remota. Ahi os deixo indicados a quem melhor possa ir estudá-los, e averiguar ao certo o que são, e o valor archeologico que tem.

Bragança, 1897.

ALBINO PEREIRA LOPO.

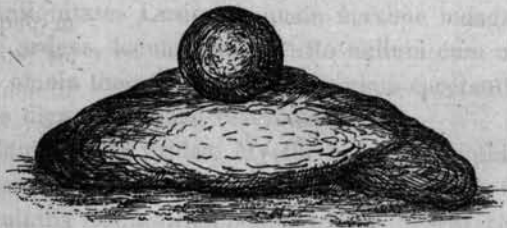


Fig. 1

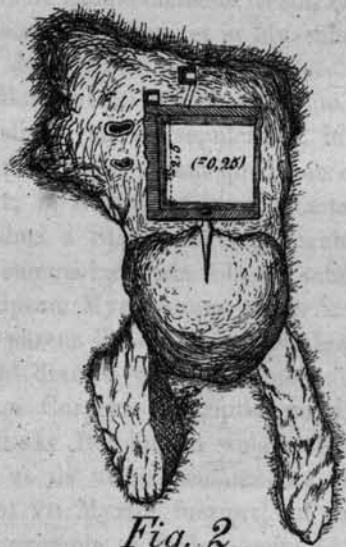


Fig. 2

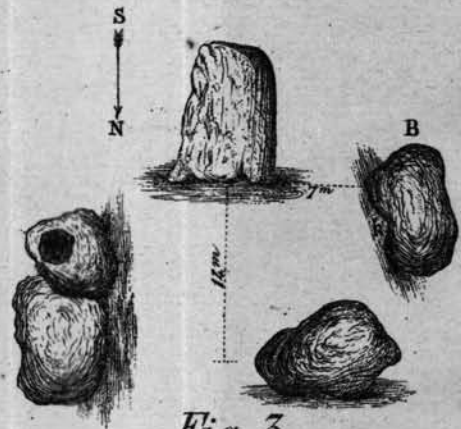


Fig. 3

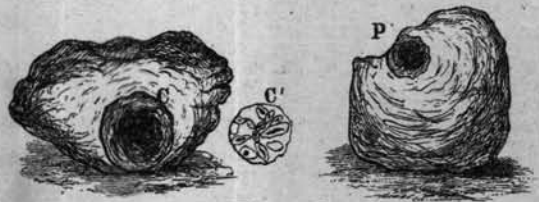


Fig. 4